

Viajantes, olhares e paisagens no Brasil Setentrional (1800 – 1840)

Antonio José Alves de Oliveira
Mestrando em História
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
aj_alvoliveira@yahoo.com.br

RESUMO: O artigo tem por objetivo discutir a ideia de paisagem e sua construção a partir do olhar dos viajantes. Almeja-se ainda discutir a constituição das representações nas narrativas de viagem a partir de três diferentes viajantes. João da Silva Feijó, sargento-mor e naturalista encarregado pela Coroa lusitana das investigações filosóficas na Capitania do Ceará, além da descrição e inventário de objetos de História Natural; Henry Koster, comerciante britânico que se instalou em Pernambuco nas primeiras décadas do século XIX e manteve estreitas relações com escritores românticos britânicos; e ainda, o naturalista escocês George Gardner, da Sociedade Filosófica de Glasgow e do *Botanic Gardens of Kew*. As viagens efetuadas nas Capitânicas do Norte do Brasil entre 1800 e 1840 se prestavam a diferentes objetivos e instituições, assim, mesmo atravessando os mesmos espaços, as narrativas e representações das populações, dos lugares e a constituição das paisagens através dos olhares dos três naturalistas aparecem de forma diversa, transparecendo o campo de tensão que se inscreve entre o âmbito coletivo das representações e as marcas individuais que emergem nas narrativas.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagens, Representações, Viajantes.

ABSTRACT: This article aims to discuss the idea of landscape and its construction through the eyes of the travelers. Still, aims discuss the constitution of the representations in the travel narratives, from three different travellers. João da Silva Feijó, sergeant and naturalist in charged for the lusitanic Crown for the philosophical investigations in the Captaincy of Ceará, besides, he was responsible to make the description and inventory of the objects of Natural History; Henry Koster, Britannic merchant who lived in Pernambuco in the early nineteenth century and kept relationships with Britannic romantic writers; and still, the Scottish naturalist George Gardner, from the Philosophical Society of Glasgow and from the Botanic Gardens of Kew. Their travels, in the captaincies of North Brazil between 1800 and 1840, were made by service of different institutions and had distinct aims, so, even trespassing the same spaces, their narratives and representations of the populations, places and the constitution of the landscapes through their eyes appear in different ways, reveal the tension field between the collective ambit of the representations and the individuals traces, that emerge in their narratives.

KEYWORDS: Landscapes, Representations, Travellers.

O mito de todas as viagens:
a experiência do viajante que se perde em terra estranha
e procura encontrar referências que indiquem
o caminho de casa, os sinais da identidade.¹

Em fins do século XVIII, a Coroa lusitana foi despertada para prospecção e perscrutação de áreas periféricas e remotas do Império. Principalmente após as reformas nas instituições científicas e educacionais do reino, notadamente a Universidade de Coimbra (1772), a criação da Academia de Ciências de Lisboa (1779), e ainda o alargamento das funções do Real Jardim Botânico da Ajuda, que passou a agregar as funções de Laboratório Químico, Museu de História Natural e Casa do Risco². A Coroa lusitana, então, passou a patrocinar o que se convencionou chamar de “viagens filosóficas”, nas quais os recém-formados na Universidade de Coimbra foram incumbidos da descrição e prospecção de recursos naturais a serem explorados. Importante salientar que se tratava de um período crítico, política e economicamente para o Império, onde os recursos auríferos das regiões mineradoras já demonstravam séria decadência e os tratados comerciais com a Inglaterra se mostravam cada vez menos favoráveis.

As “viagens filosóficas”, portanto, correspondiam às viagens empreendidas por “ilustrados” luso-brasileiros, responsáveis pela produção de inventários sobre as riquezas e potencialidades na extensão do Império colonial lusitano. Tais viajantes eram ainda responsáveis pela elaboração de descrições físicas, corográficas e políticas das regiões distantes pertencentes à Coroa. Por outro lado, os projetos de exploração voltados para as colônias representavam uma perspectiva de avanço em relação ao pensamento científico em Portugal. Ancorando-se nos conhecimentos da História Natural e seguindo as orientações do paduano

¹ BELLUZZO, Ana Maria. A propósito do Brasil dos viajantes. *Revista USP*, São Paulo (30). Junho/agosto de 1996, p. 11.

² Fundado em 1768, o Real Jardim Botânico da Ajuda ganha o seu sentido mais científico e utilitário a partir de 1777, com a chegada dos primeiros naturalistas recém-formados na Universidade de Coimbra “para aí receberem treino profissional para as missões filosóficas ultramarinas”. BRIGOLA, João Carlos. Domenico Agostino Vandelli – um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil. In: CAMARGO-MORO, Fernanda & NORONHA, Andréa (org.) *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*. Coleção da Fundação BNP Paribas. Rio de Janeiro: DANTE Editoria, 2008, p. 43.

Domenico Vandelli³ alimentava-se a expectativa de perscrutação das maravilhas do mundo natural das colônias na América e na África.

Da mesma forma, nas primeiras décadas do século XIX, um grande número de viajantes estrangeiros também percorriam os recônditos do Brasil. Beneficiados pela transferência da Corte portuguesa e pela abertura dos portos às nações amigas, tais exploradores se fizeram presentes nos campos, vilas e cidades brasileiras. Dentre eles, cientistas naturais com parafernálias e acessórios para a investigação e classificação do mundo natural. Comerciantes atentos às oportunidades mercantis que poderiam surgir. E ainda, observadores em trânsito empreendendo sua própria viagem de formação⁴. Categoricamente, cada um possuindo uma forma distinta de apreender e constituir a paisagem em seu entorno. No entanto, a abundância e a justaposição de olhares multifacetados embaralham uma análise simplista e direta.

Na análise que se segue empreenderemos uma discussão envolvendo as representações e o olhar de três diferentes viajantes na descrição/elaboração de paisagens no Brasil Setentrional, em especial em relação à Capitania/Província do Ceará nas primeiras décadas do século XIX. João da Silva Feijó, que esteve presente na Capitania entre 1799 e 1816 a serviço da Coroa lusitana no empreendimento das viagens filosóficas, era o responsável pelo mapeamento e descrição das potencialidades a serem exploradas nas franjas do Império colonial. Henry Koster, comerciante inglês que percorreu a Capitania em 1810, atravessou as Capitanias do Norte como um curioso, estranhando as terras e os costumes locais. Por fim, George Gardner, o naturalista escocês que em sua apropriação do mundo natural estava

³ Domenico Vandelli (1735-1816), nascido em Pádua, na península itálica, viveu em Portugal entre 1764 e 1810, foi uma das pessoas mais influentes na transformação do pensamento social e científico em Portugal na segunda metade do século XVIII. Participou ativamente das Reformas da Universidade de Coimbra em 1772 e ao lado do Ministro de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, Martinho de Mello e Castro, enviou naturalistas às mais distantes paragens do Império Colonial Português. CAMARGO-MORO, Fernanda & NORONHA, Andréa (org.) *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*. Coleção da Fundação BNP Paribas. Rio de Janeiro: DANTES Editora, 2008.

⁴ Viagem ilustrada, viagem de formação e aprendizado pessoal a qual os alemães nomeavam *Bildung*. Flora Süssekind em “*O Brasil não é longe daqui*” explicita que a própria elite brasileira das décadas de 1830 e 1840 atribuía grande valor à formação pessoal através da viagem que, no entanto, de acordo com a autora, possuía também outra função, o interesse na formação da nacionalidade: “A alta conta em que se tinha então no país a viagem na formação individual não é difícil imaginar em que se baseava. Em certa concepção ilustrada de aprendizado, de viagem. No elogio de Rousseau ao exame pessoal e intransferível, ao contato estreito com a natureza, ao ir ver as coisas com os próprios pés e direto 'onde estão', exatamente 'como são'. Ou como sugere no Emílio: 'Quereis ensinar-lhe geografia e ides procurar globos, esferas, mapas: quanta estória! Por que todas essas representações? Por que não começais mostrando-lhe o próprio objeto, a fim de que ele saiba, ao menos de que falais?'”. SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 77.

dividido entre o conhecimento científico e a apreensão romântica, esteve no Brasil entre 1836 e 1841 a serviço de William Jackson Hooker, da Sociedade Filosófica de Glasgow e do Jardim Botânico Real de Kew⁵.

O que os três viajantes possuíam em comum era um profundo estranhamento quanto às gentes, os costumes e o mundo natural encontrados e descritos. Feijó, embora tenha permanecido muito tempo na Capitania, se constituiu como um estrangeiro no Ceará, estrangeirismo evidenciado nos estranhamentos e nas inúmeras intrigas nas quais se envolveu com diferentes indivíduos. Koster, embora transformado de tal forma pelos muitos anos que permaneceu no Brasil Setentrional, chegando a ser conhecido entre os moradores locais como o Sr. Henrique da Costa, fez questão de evidenciar suas diferenças quanto às gentes e aos costumes, desejando ser o “primeiro homem civilizado que fizesse a jornada de Pernambuco à Lima”⁶. George Gardner, embora estudioso dos costumes e do mundo natural do Brasil, possivelmente pelos inúmeros relatos e narrativas que circulavam na Europa nessas primeiras décadas, evidenciou seu choque e profundo estranhamento quando aportou em terras brasileiras, o qual sintetizou em um poema de Childe Harold:

But whose entereth within this town
That, sheening far, celestial seems to be,
Disconsolate will wander up and down,
Mid many things unsightly to strange;
For hut and palace show like filthily:
The dingy citizens are reared in dirt.⁷

Então, cabe questionar por quais meios e de que forma esse olhar distante e estrangeiro elaborou e construiu as paisagens “naturais” e humanas da Capitania nessas primeiras décadas do século XIX. Paisagem, no entanto, aqui passa a ser entendida não como um dado da natureza, ou como o mundo natural por si próprio, descrito objetivamente. O narrador, em suas figurações, deixou presente suas marcas naquilo que narrou, assim como o olhar do viajante possuiu diferentes direcionamentos, focos de atenção. A apreensão do que seria belo e sublime varia de acordo com o observador. Paisagens múltiplas, paisagens do olhar que põem em evidência uma tensão. Tensão esta que reside entre o olhar inquiridor, a

⁵ GARDNER, George. *Viagem ao interior do Brasil*: principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

⁶ KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816, p. 143.

⁷ “Mas para aqueles que adentram essa cidade / Que resplandecente à distância, celestial parece ser / Desconsolado caminhará acima e abaixo / em meio a tantas coisas agressivas ao estrangeiro; / Tanto a cabana quanto o palácio parecem imundos: / Os sujos cidadãos levantam-se em meio à imundície”. GARDNER, George. *Travels in the interior of Brazil principally through the northern provinces and the the gold and diamond districts, during the years 1836 – 1841*. London: Reeve, Brothers, King William Street, Strand, 1846, p. 05. Tradução do autor.

subjetividade do observador e o suporte objetivo, o mundo natural e as gentes observadas⁸.

No entanto, antes de interrogarmos tais olhares, representações e configurações da paisagem, cabe uma pequena digressão acerca dos viajantes e das narrativas de viagens. Em livro recente sobre as representações das populações humanas e mais particularmente sobre a representação dos escravos no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX, a historiadora Eneida Sela busca investigar a partir de quais parâmetros e cânones científicos e literários eram guiados os olhares dos viajantes. Sela atenta para os paradigmas científicos e estéticos “que informaram o modo como homens e mulheres estrangeiros olharam e julgaram parte da humanidade que tinham diante de si.”⁹

Para a historiadora, o importante é atentar para as “vigas intelectuais” que estariam subjacentes às narrativas e às representações das sociedades. Perceber a partir de que parâmetros falam, os filtros que tingem suas descrições, assim como os valores e os conceitos que trazem em suas “bagagens culturais”, os códigos e as referências que se utilizam nos seus modos de observar e relatar.

Por outro lado, Luciana de Lima Martins, em instigante investigação acerca da historicidade e das vicissitudes dos olhares dos viajantes britânicos que percorreram e representaram o Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX, nos alerta sobre outros aspectos das representações e das experiências desses viajantes. A autora busca historicizar o observador europeu das primeiras décadas do século XIX, caracterizando-o como observador moderno ou “observador em trânsito” que teria atravessado um momento de grande ruptura nas tecnologias visuais e nos próprios modos de ver¹⁰.

Ao mesmo tempo, esse “observador em trânsito” experimenta fortes transformações

⁸ Para uma discussão da tensão entre “instituição mental da realidade e a constituição material dos objetos na constituição das paisagens”. Verificar BERQUE, Augustin. *Cinq Propositions pour une théorie du paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994, p. 05.

⁹ SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, modos de ver: Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808 – 1850)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008, p. 29.

¹⁰ A ruptura que trata a autora diz respeito principalmente a uma mudança epistemológica no modo de ver. Nos séculos XVII e XVIII, o naturalista exporia as coisas em quadro. Os modos de ver e representar o mundo natural passavam predominantemente pela perspectiva da “câmara escura”, que transformava o mundo exterior em um campo ordenado, observável a partir de uma posição fixa, preestabelecida e estável. Nas primeiras décadas do século XIX, para Martins, “o confinamento simbólico da câmara escura não atenderia às novas demandas de um observador mais móvel, útil, produtivo, que precisa se adequar às novas disciplinas do corpo e à vasta proliferação de signos igualmente móveis e permutáveis”. MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 44.

no âmbito das representações paisagísticas, com a emergência e transformações no campo científico impulsionado por um novo modo de ver o mundo natural, atentando para a composição geológica, botânica e geográfica. Ainda assim, Martins insiste no sentido cultural da transformação do mundo natural em paisagem pelo observador, percebendo que é este quem “emoldura a vista, seleciona, ilumina ou sombreia os elementos que a compõe, conferindo-lhe sentido.”¹¹

Dessa forma, Martins atenta principalmente para a natureza inextricavelmente cultural da paisagem. O sujeito observador e o objeto observado constituindo-se mutuamente. Cultura, nesse sentido, passa a ser entendida

não apenas como produtos das atividades humanas, que dão forma às diferentes partes do globo terrestre, mas como processos cotidianos de atribuir sentido à situação humana propriamente dita; situação essa de seres humanos em constante diálogo com seus pares e consigo mesmos. A inescapável ambivalência da representação geográfica, que nunca é apenas cópia fiel do que está sendo representado.¹²

Quanto às Capitanias/Províncias do Norte e mais especificamente à Capitania/Província do Ceará, ao longo das quatro décadas perscrutadas pelos diferentes olhares aqui analisados, sofrem, evidentemente, profundas transformações.

No que concerne à Capitania do Ceará, politicamente, nos primeiros meses de 1799 foi elevada a Capitania autônoma em relação à Capitania Geral de Pernambuco. O então Capitão-mor que a governava com vínculos com Pernambuco foi substituído por um Governador-Geral, o português Bernardo Manoel de Vasconcelos, que buscou de forma mais incisiva mapear e explorar o interior da Capitania atentando para as potencialidades a serem exploradas. Economicamente, nos primeiros anos como Capitania autônoma se empreendeu a navegação direta com o Reino, intento da pequena elite local de aumentar suas rendas e as rendas do Erário da Capitania. Além disso, nessas primeiras décadas almejou-se ainda o desenvolvimento do comércio e o incremento da agricultura ancorada principalmente na produção algodoeira¹³.

¹¹ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 16.

¹² GOODY, Jack *apud* MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*, p. 17.

¹³ PINHEIRO, Francisco José. *Notas sobre a Formação social do Ceará (1680-1820)*. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.

João da Silva Feijó (1799-1816)

João da Silva Feijó nasceu por volta de 1760 na Capitania do Rio de Janeiro. De família com notáveis recursos¹⁴, viajou em fins da década de 1770 para complementar seus estudos em Portugal, onde estabeleceu contato com a Universidade de Coimbra¹⁵ e com Domenico Vandelli, diretor do Museu Real da Ajuda. Na década de 1780 foi enviado para as ilhas de Cabo Verde, onde permaneceu por aproximadamente 10 anos. Entre 1799 e 1816, esteve a serviço da Coroa portuguesa na Capitania do Ceará, sobre a qual escreveu três memórias filosóficas, além de deixar uma copiosa correspondência direcionada para diferentes autoridades do reino e da Capitania.

Embora não sendo o primeiro naturalista¹⁶ a serviço da Coroa lusitana nos recônditos da Capitania, Feijó comportou-se como o “eterno-adão” do conto de Júlio Verne e descrito por Flora Süssekind:

No caso de terras recém-descobertas, lugares ainda sem nome, o sujeito, ‘eterno Adão’, de fato não pertence a elas, mas caberia a ele dar a partida para a inscrição de tais locais no mundo dos brancos, dos mapas, do tempo histórico. Sua chegada marcaria a origem dessas ilhas aos olhos do Ocidente e sua mudança de um estado de pura natureza para uma corrida em direção ao que este viajante entendesse por civilização, semente a ser lançada por ele nessa terra que crê, paradisíaca ou infernalmente, em branco.¹⁷

Parece mesmo ser esse movimento ao encontro da “civilização” e no “mundo dos brancos”¹⁸ o que se pretendeu para a Capitania do Ceará nessas primeiras décadas do século XIX. Sua ocupação e colonização por parte de contingentes portugueses havia sido bastante tardia. Somente em fins do século XVII e início do século XVIII com o avanço da atividade

¹⁴ Seu pai, o alferes e mais tarde, capitão João Batista Feijó possuía sesmarias em Guaratiba, na Capitania do Rio de Janeiro, e posteriormente, no período dos embates com a Coroa espanhola no Brasil Meridional, apareceu como beneficiário de mais sesmarias no rio das Tainhas e na Serra do Viamão no Continente de São Pedro. Verificar NOBRE, Geraldo da Silva. *João da Silva Feijó: um naturalista na Capitania do Ceará*. Fortaleza: GRECEL, 1978, p. 14.

¹⁵ Não há evidências suficientes que fazem tomar como certeza o fato de Silva Feijó ter estudado na Universidade de Coimbra. A crer na biografia elaborada por Geraldo da Silva Nobre, Feijó teria cursado a Academia Militar de Lisboa e por seus conhecimentos em História Natural se aproximado de Vandelli assim como da Universidade de Coimbra. NOBRE, Geraldo Silva. *João da Silva Feijó: um naturalista no Ceará*. Fortaleza: Grecel, 1978.

¹⁶ No último quartel do século XVIII, outros homens a serviço da Coroa portuguesa percorreram os recônditos da Capitania do Ceará sob a égide das ciências naturais, como o naturalista João Machado Gaio, que fez investigações na Serra de Ibiapaba no extremo oeste da Capitania, e ainda o ouvidor Manuel Magalhães Pinto e Avellar de Barbedo, que em várias de suas relações descritivas afirmava-se como um discípulo de Domenico Vandelli.

¹⁷ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 13.

¹⁸ _____. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, p. 13.

pecuária no vale do rio Jaguaribe e a distribuição de sesmarias e patentes militares é que a Coroa lusitana conseguiu “territorializar” seu poder nos sertões da Capitania¹⁹.

Assim, a Capitania do Ceará, ao longo do século XVIII, tida como esquecida e “a mais desprezada de todas as Capitânicas brasileiras”²⁰, nas primeiras décadas do século XIX, tornou-se autônoma em relação a Pernambuco e começou a pleitear o direito de navegação direta para o reino. Houve certa volúpia em Feijó e nos administradores recém-instituídos de inscrever a Capitania do Ceará no rumo da “civilização” e fazê-la progredir com o desenvolvimento do comércio e o incremento da agricultura. Tal desenvolvimento agrícola também possuía um claro sentido civilizatório das gentes da Capitania, como bem o entende Terry Eagleton, em sua aproximação etimológica e epistemológica entre cultura e lavoura: “Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria experiência autônoma, a qual então lhe empresta algo da recalcitrância da natureza.”²¹

Assim, para além do viés fisiocrata inscrito na forma de pensar do naturalista, compreende-se a consonância de interesses no processo a ser levado a cabo pela Coroa com o papel civilizador. Feijó e sua leitura do mundo natural e de aspectos da organização social possuiu um papel primordial nesse violento processo de tentativa de transformação da natureza e dos modos de vida das mais distantes populações vassalas da Coroa. Nesse sentido, para Eagleton, “o cultivo pode não ser apenas algo que fazemos a nós mesmos. Também pode ser algo feito a nós, em especial pelo Estado. Para que o Estado floresça, precisa inculcar em seus cidadãos os tipos adequados de disposição espiritual.”²²

São considerações pertinentes para compreendermos o olhar do naturalista acerca do mundo natural, de suas ideias, de suas percepções e de suas conceituações do que venha a ser “natureza” e distintamente suas construções e elaborações da paisagem. Embora os termos tenham sido intimamente relacionados nos últimos séculos, como aponta Anne Cauquelin²³,

¹⁹ Discussões historiográficas propostas atualmente sobre a constituição do Império português dos séculos XV ao XVIII ancoram-se na ideia da sua configuração como um reino pluricontinental, dependente de arranjos e acomodações com os mais diversos potentados locais para a territorialização do poder real nas fímbrias do Império. Para uma discussão acerca da territorialização do poder real nas mais distantes Capitânicas do Império e com uma atenção especial sobre a Capitania do Ceará, Ver GOMES, José Eudes. *As Milícias Del Rey: Tropas militares e poder no Ceará setecentista*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

²⁰ NOBRE, Geraldo da Silva. *João da Silva Feijó: Um Naturalista na Capitania do Ceará*, p. 76.

²¹ EAGLETON, Terry. *A ideia de Cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005, p. 19.

²² _____. *A Ideia de Cultura*, p. 16.

²³ CAUQUELIN, Anne. *A Invenção da Paisagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

cabe perceber as dobras existentes, aquilo que separa natureza de paisagem e desnaturaliza nosso olhar, provocando um estranhamento.

Assim, Feijó esteve a serviço da Coroa lusitana na prospecção de objetos de História Natural nas fímbrias do Império, além de partícipe de um seletivo grupo de viajantes, correspondentes das instituições científicas do reino, notadamente Domenico Vandelli, o qual possuía ânsia em elaborar uma grande obra acerca das produções naturais das colônias portuguesas²⁴. Dessa forma, em sua *Memória sobre a Capitania do Ceará*, escrita em 1810, quando já havia percorrido longamente os recônditos do território que lhe foi incumbido de analisar, Silva Feijó explicitou de que maneira seu olhar haveria de ser armado:

É necessário ter muito pouco conhecimento do físico da Capitania do Ceará para duvidar das immensas vantagens que ella pode produzir em utilidade dos seus habitantes, augmento do seu comércio e prosperidade geral do Estado: assim me tem persuadido a continuação da observação que tenho feito sobre o seu físico e moral por espaço de onze anos sucessivos em razão de meu officio; eu passo pois a descorrer sobre este importante objecto, o mais resumido que me for possível, na presente memória, a que me proponho.²⁵

Portanto, o naturalista possuía o seu olhar armado no sentido de investigar as potencialidades do mundo natural e na elaboração das paisagens da Capitania do Ceará nessas primeiras décadas do século XIX. Em toda a sua análise dos solos, das terras agricultáveis, na elaboração de uma corografia da Capitania e de um acurado exame acerca da organização política da região, são os interesses da Coroa e a Real Fazenda, assim como as imensas vantagens e a prosperidade geral do Estado que se tornavam suas maiores preocupações. Em sua *Memória*, segundo as regras assinaladas pelas instituições as quais o naturalista estava vinculado não poderia haver lugar para impressões particulares, devaneios subjetivos,

entendidos como desnecessários²⁶. No entanto, essas se mesclam ao discurso, em meio àquilo

²⁴ Segundo Brigola, estava nos planos de Domenico Vandelli a elaboração de uma *História Natural das Colônias*. BRIGOLA, João Carlos. Domenico Agostino Vandelli – um naturalista italiano a serviço de Portugal e do Brasil. In: CAMARGO-MORO, Fernanda & NORONHA, Andréa (org.) *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*. Coleção da Fundação BNP Paribas. Rio de Janeiro: DANTES Editora, 2008, p. 42.

²⁵ *Memória sobre a Capitania do Ceará*, escrita de ordem superior pelo sargento-mor João da Silva Feijó, naturalista encarregado por S. A. R. das investigações philosophicas da mesma. In: *Revista do Instituto do Ceará*. ANNO III, 1889. Anteriormente esta *memória* tinha sido publicada no Jornal Literário Científico e Mercantil do Rio de Janeiro “*O Patriota*”, nos tomos 1 e 2 de 1814, p. 46.

²⁶ Viagens filosóficas ou dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações, deve principalmente observar, escrito por Domenico Vandelli em 1779. In: CAMARGO-MORO, Fernanda & NORONHA, Andréa (org.) *O Gabinete de Curiosidades de Domenico Vandelli*. Coleção da Fundação BNP Paribas.

que poderia interessar diretamente aos olhos da Coroa:

O ar é cálido e húmido, porque a sua athmosphera é cheia de colorido e de vapores aquosos; contudo, porque estes se acham por isso muito rarefeitos e carregados de muita matéria de luz em razão da elevação da equinocial etc., as noites são claras e o luar encantador, particularmente no verão em que se observam repetidas exalações.²⁷

Mesmo buscando cumprir com seus deveres e tentando manter a objetividade em seu relato, Silva Feijó deixou transparecer, por um lado, as paisagens subjacentes do seu olhar²⁸, e por outro lado nos dá uma ideia do mundo natural²⁹ da Capitania nessas primeiras décadas do século XIX, entrecortada com os incentivos à agricultura de exportação, mais notadamente a produção algodoeira, com a abertura de estradas, com as atividades pecuárias nos sertões, assim como com as intempéries e as rápidas mudanças no aspecto da vegetação:

Desde estas terras baixas, caminhando para o interior, se observa o terreno geralmente coberto de infinitos vegetaes, que servem de sustentar a milhares de animais de toda a espécie: estas plantas offerecem indivíduos infinitamente diferentes entre si, e alguns tão novos como exquisistos e particulares. Do mesmo modo se descobrem as montanhas geralmente cobertas de mattas, mais ou menos elevadas. Nota-se muitas vezes operar-se a vegetação nestes indivíduos, sem sensível interrupção, pela uniformidade do clima e temperatura do país, por quase todo o ano; sem embargo do que as grandes seccas do verão não deixam de diminuir, de alguma sorte, esta força da vegetação, com particularidade nas plantas herbáceas, que quase todas perecem, não havendo precaução de as regar; o que contudo não succede às arvores, ainda nesta estação muitas dellas cheguem a perder de todo as suas folhas; mas as primeiras chuvas do inverno toda a natureza se reanima, e toma um novo vigor, cobrindo-se de verdura até os lugares mais áridos.³⁰

Rio de Janeiro: DANTES Editora, 2008, p. 93-158. Em 1781 foram ainda publicadas as *Breves instruções aos correspondentes da Academia de Ciências de Lisboa sobre as remessas de produtos e notícias pertencentes à história da natureza para formar um Museu Nacional*. Lisboa: Régia Oficina Typográfica, 1781. Captado em: purl.pt/720/4/. Acesso em: 20 jan.2013.

²⁷ FEIJÓ, João da Silva. *Memória sobre a Capitania do Ceará*, p. 08.

²⁸ A respeito das “paisagens do olhar”, Luciana Martins, em sua investigação das diferentes representações elaboradas por viajantes britânicos no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX, salienta a importância de atentarmos que em tais representações “não se trata apenas de uma projeção na tela ou no papel de imagens prefiguradas segundo convenções de representação – científicas ou artísticas – do observador europeu metropolitano, mas sim de uma constante negociação entre imagens que os viajantes carregavam em suas mentes com as paisagens que se lhes apresentavam aos olhos, pelas quais eles viajavam através, com as quais eles tinham que travar um contato físico”. MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 142.

²⁹ Ressalta-se o aspecto de construtos sociais mesmo nessas designações de “mundo natural” ou “paisagens naturais”, sendo estas convenções culturais variáveis no tempo e no espaço, e notadamente recebendo atribuições e significados distintos de acordo com as lentes do observador e com os grupos com os quais dialoga. Para uma discussão desses aspectos Cf. THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais, 1500 – 1800*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³⁰ FEIJÓ, João da Silva. *Memória Sobre a Capitania do Ceará*, p. 17.

Causou espanto, este último aspecto sobre a mudança rápida na vegetação da caatinga, repleta de caducifólias e xerófitas adaptadas às contingências do clima das Capitâneas do Norte e aos períodos de estiagem, mas que rapidamente tornam a regenerar. Tornou-se digno de nota nas narrativas dos britânicos Henry Koster e George Gardner e figuram como elementos pitorescos, registradas em paisagens gráficas nas páginas de seus relatos.

Os registros que nos deixou o naturalista Silva Feijó, nos 17 anos que permaneceu na Capitania na primeira década do século XIX, evidencia um determinado modo de ver o mundo natural e a elaboração das paisagens, sejam essas humanas ou “naturais”. No que concerne ao primeiro aspecto, evidencia-se sua preocupação em tornar úteis os habitantes dos dilatados “sertões” do Império colonial português. Dupla utilidade, que aparece em seus textos na forma de tentativas de incentivar o “aumento da Fazenda Real” e no impulso do que considerou como melhorias ao “bem público”.

O que surge em sua escrita nos faz refletir que a própria utilidade do naturalista para a Coroa lusitana estaria relacionada ao modo como evidenciasse prognósticos de “melhoramentos” nesse duplo sentido. Então, seu modo de observar as gentes e o mundo natural, pelo viés iluminista e principalmente fisiocrata, aposta na agricultura como método de “civilizar” a população e tornar úteis à Coroa os “dilatados sertões” da Capitania. No entanto, sem deixar de apostar em outras possibilidades, como o incremento das atividades piscatórias, aproveitando a extensão litorânea da Capitania. E ainda, vislumbrando a importação de ovelhas, principalmente da África³¹, para a produção lanígera, acreditando na possibilidade de adaptação do gado de menor porte às intempéries climáticas e às transformações na vegetação em períodos de estiagem.

Evidencia-se, portanto, além de sua ânsia em encontrar riquezas a serem exploradas, a perspectiva de transformação do mundo natural em riquezas para o aumento da Fazenda Real. Suas “vigas intelectuais”, tais como a fisiocracia, a filosofia natural e ainda a economia da natureza³² guiam os seus modos de ver e representar, incidindo na maneira como pensa os homens e constitui as paisagens. Na *Memória sobre a Capitania do Ceará*, o pensamento

³¹ Feijó aposta na importação de gado lanígero para a Capitania principalmente de regiões áridas do continente africano, como Gibraltar e das regiões pedregosas de Madagascar. FEIJÓ, João da Silva. Memória econômica sobre o gado lanígero do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. ANNO XXVIII, 1914, p. 378.

³² Para uma discussão das fontes teóricas dos naturalistas luso-brasileiros do final do século XVIII. Cf. principalmente PÁDUA, José Augusto. *“Um sopro de destruição”*: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

antropocêntrico e utilitarista do naturalista aliou-se à ideia de forte intervenção civilizatória a ser realizada pela Coroa:

Não seria desacerto se o governo tivesse sobre tão importante objeto [agricultura] vistas mais circunspectas, impedindo-se de alguma sorte o pernicioso abuso na destruição continuada das matas virgens, como para que se cuide em conservar e melhorar as poucas, que ainda há perto do mar, e se promovam, como é fácil, novas plantações das mais preciosas árvores perto do mar; o que de certo para o diante daria imenso interesse à Real Fazenda.³³

O critério para a proteção e a admiração das “matas virgens” não estaria em alguma natural sublimidade subjacente no encontro do observador com o que posteriormente passa a ser considerado como paisagem idílica. Suas condições de possibilidade de observação, vicissitudes do olhar viajante, assim como aquilo que guia os modos de ser, sentir, representar e construir as paisagens possui sua historicidade. No naturalista a serviço da Coroa lusitana, o que se mostra mais agudo em sua leitura do mundo natural da Capitania é a sua maneira de ser útil à Coroa, transformando aquilo que vê também em algo pelo qual se possa obter vantagens. Utilitarismo que, no entanto, transforma-se e ganha outras matizes em outras representações e em outros modos de ser ao longo do século XIX.

Henry Koster (1811 – 1812)

Diferente da “memória filosófica” lusitana, a narrativa de viagem, na forma como a encontramos, na primeira metade do século XIX, é um gênero híbrido. Trata-se de um relato em que se mesclam elementos que conformam as instituições financiadoras, sejam estas universidades, sociedades filosóficas, sociedades geográficas ou mesmo curiosos particulares. Por outro lado, um gênero literário muito apreciado por leitores europeus, ávidos pelo exótico, pelo desconhecido, pelo estranho³⁴. Henry Koster, na descrição de James Henderson em *A History of the Brazil*, foi caracterizado como “a gentleman known to the literary world by the publications of his travel in the northern of the Brazil.”³⁵

³³ FEIJÓ, João da Silva. *Memória sobre a Capitania do Ceará*, p. 27.

³⁴ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio Gutierre. São Paulo: EDUSC, 1999, p. 157.

³⁵ HENDERSON, James. *A History of the Brazil: Comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*. London: published by Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, Paternoster Row, 1821, p. 392.

Talvez por esta avidez o *Travels in Brazil* de Henry Koster, publicado pela primeira vez em 1816 na Inglaterra, tenha em trinta anos recebido sete edições, três em língua inglesa, duas na língua francesa e duas em alemão, sendo que as primeiras edições em português só vieram a ser publicadas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano* no período que se estende de 1898 a 1931³⁶. A busca do que lhes era estranho, do exótico e das novidades ao olhar se configurava como uma grande motivação aos viajantes. Concomitantemente, tais novidades possuíam um grande público entre os leitores europeus, sedentários ávidos por narrativas e descrições acerca de povos e naturezas estranhas, e que se satisfaziam com a viagem dentro da viagem, com a triangulação do olhar possibilitada pelo aventureiro, desbravador de terras incógnitas. Como explicitou o narrador-aventureiro Henry Koster:

Deixara o sertão e, embora tivesse sofrido, sempre desejei regressar. Tenho um certo prazer em descrever e viajar em novas regiões e esta parte do território que atravessara era desconhecida de qualquer inglês. Pelas sensações pessoalmente sentidas, imagino quanto agradará ao viajante nessas zonas inexploradas o encontro de novidades ao primeiro olhar. Há ainda neste continente da América do Sul grandes partes para serem percorridas e sempre desejei ardentemente ser o primeiro homem civilizado que fizesse a jornada de Pernambuco a Lima.³⁷

Koster, filho de comerciantes ingleses, nasceu em Lisboa por volta de 1790, fluente em língua portuguesa, considerava-se patricio tanto de brasileiros como de portugueses. Sua relação com os luso-brasileiros e a curiosidade com as coisas do Brasil o aproximou de Robert Southey, que acabou por disponibilizar sua imensa biblioteca ao britânico³⁸. Koster adotou o engenho Jaguaribe em Pernambuco como sua moradia, onde viveu seus últimos dias, transculturado³⁹ a tal ponto, que seu nome foi aportuguesado para Henrique da Costa. No entanto, de pais ingleses, seus referenciais quanto a familiaridades e estranhamentos incidiam

³⁶ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Tradução, Prefácio e comentários de Luís da Câmara Cascudo. 12ª edição. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Fortaleza: ABC Editora, 2003, p. 16.

³⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 208.

³⁸ As relações de Henry Koster com Robert Southey são bastante instigantes e merecem um estudo à parte. Koster teve acesso à imensa biblioteca e total apoio na elaboração de seu relato de viagem por parte de Southey, que em 1810 já havia lançado o primeiro volume de sua *History of Brazil*. Nesse período Southey dividia sua casa com o poeta romântico Samuel T. Coleridge, sendo o próprio Southey considerado, embora de menor expressão, partícipe do grupo de poetas românticos que ficou conhecido como “poetas do lago”. Verificar Entrevista com Maria Odila Dias. In: MORAES, José Gerardo Vinci; & REGO, José Márcio. *Conversas com Historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2002, p. 189.

³⁹ A ideia de transculturação tem uma trajetória que remonta ao final da década de 1930, principalmente levantada pelos questionamentos de Fernando Ortiz em relação à ideia de aculturação. Ao contrário, Ortiz propõe que no encontro de duas culturas, há uma transformação mútua, trocas e aprendizado, surgindo então algo novo. ORTIZ, Fernando. *Contrapunto Cubano del tabaco e del Açúcar*. Advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación. Cuba - Espanha, Madrid, 1999. (1ª edição

diretamente sobre elementos da cultura britânica. As paisagens do seu olhar foram conformadas por elementos britânicos. Em Pernambuco, diante do rio Capibaribe, as imagens que lhe advém como elementos de comparação são prontamente os componentes de uma paisagem às margens do rio Tâmsa. Como nos lembra Gaston Bachelard, é “necessário imaginar muito para viver um espaço novo.”⁴⁰

A vista é excessivamente encantadora, casas, árvores, jardins de cada banda. O rio faz a curva diante e parece perder-se no meio da mata. As canoas indo docemente descem com a maré, ou penosamente forcejam seu caminho contra a corrente e tudo reunido forma um espetáculo delicioso. O rio é aqui mais estreito que o Tâmsa em Richmond. [...] Deixamos o rio, continuando pela estrada sempre bordada de casinhas, de melhor ou pior aparência, até um pequenino vilarejo que atravessamos, chegando ao fim de nossa jornada. A situação é muito pitoresca, na margem norte do Capibaribe, ao pé de uma colina, coberta de vegetação.⁴¹

Podemos inferir em Koster esse aprendizado do pitoresco, percebemos os elementos na composição de sua paisagem, o emoldurado e a justaposição de determinados aspectos do mundo natural e do mundo social na configuração do pitoresco, aquilo que foi digno de ser apreendido por sua pena, “um conjunto de valores que ordena em uma visão.”⁴² Olhar do britânico, que como sugere Cauquelin, passa do escrito ao quadro e posteriormente retorna do quadro ao escrito⁴³.

Em se tratando dos estranhamentos relatados por Koster, o que chama a atenção é a maneira como operou com certa triangulação do olhar, o relato do viajante-explorador que discursou sobre as maneiras pelas quais as diferentes culturas se observam, “como estabelecem igualdades e desigualdades, como imaginam semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o outro.”⁴⁴ Num episódio relatado acerca de uma gafe cometida

1940). A ideia também é bastante explorada por PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: Relatos de viagem e transculturação*.

⁴⁰ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. 2ª edição. Martins Fontes: Rio de Janeiro, 2008, p. 245.

⁴¹ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 48.

⁴² CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Martins Fontes: São Paulo, 2008, p. 16.

⁴³ _____. *A invenção da paisagem*, p. 66. Também GOMBRICH, E. H. em sua *História da Arte* explicita os valores do pitoresco traçando esse caminho da pintura à descrição na criação de paisagens: “Foi Claude Lorrain quem abriu primeiro os olhos das pessoas para a beleza sublime da natureza e por quase um século após sua morte os viajantes costumavam julgar um trecho de paisagem real de acordo com os padrões por ele fixados em suas telas. Se o cenário natural lhes recordava as visões do artista, consideravam-no adorável e aí se instalavam para seus piqueniques. Os ingleses ricos foram ainda mais longe e decidiram modelar os trechos da natureza que consideravam seus, os jardins em suas propriedades, de acordo com os sonhos de beleza de Lorrain. Dessa maneira, muitos trechos do belo campo inglês deveriam realmente levar a assinatura do pintor francês que se instalou na Itália e fez seu o programa de Carracci.” GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999, p. 396.

⁴⁴ BELLUZZO, Ana Maria. *A propósito do Brasil dos viajantes*, p. 16.

referente à tentativa de pagar o leite gentilmente cedido por sertanejos nas proximidades do rio Assu, no Rio Grande do Norte, Koster observou:

Eles disseram que o rapaz que fora buscar o leite mencionara haver um inglês no grupo, e que muito desejavam ver, porque era um bicho que nunca tinham visto. Respondi-lhes que fora com os cavalos e voltaria logo. Referia-me ao John, mas o guia declarou que eu também era um inglês. As fisionomias mostraram o desapontamento quando se convenceram da verdade, porque esperavam ver uma besta estranha. John voltou e foi objeto de curiosidade e como não falava o português, e tudo aquilo o irritava, começou a praguejar em inglês. Aturdidos, exclamaram: - 'Fala a língua de negro!'⁴⁵

Em um mesmo plano linguístico são colocados lado a lado britânicos, sertanejos e africanos. O que cabe ressaltar, no entanto, para além das classificações e hierarquizações presentes na sociedade colonial, é o caráter da representação, a “artealização” dessa representação, que de certa forma embaralha as hierarquias, dá-lhes um caráter certas vezes cômico, certas vezes pictórico. No jogo das alteridades e identidades, dos estranhamentos e familiaridades, o viajante britânico transformado no senhor de engenho Henrique da Costa nas Capitânicas do Norte, nos maravilhou com um relato espetacular, em certo sentido, equivalente a uma representação pictórica⁴⁶, em que põe abaixo, pelo menos nessa descrição, as hierarquizações sociais e raciais candentes na sociedade colonial:

Dois grupos de viajantes, sem contar o nosso, haviam feito seu abrigo noturno nessa casa inacabada. As diversas fogueiras, os grupos rodeando-as, uns cozinhando, outros comendo, alguns dormindo, as malas, os fardos espalhados ao redor, trazidos nos dorsos dos cavalos, formavam uma cena digna de um pintor. Havia escuridão em torno de nós e o vento frio soprava através da casa que não tinha paredes e nada se opunha à sua entrada, salvo às vigas verticais que sustentavam o telhado. O clarão das fogueiras iluminava uns e outros, os semblantes dos homens e, somente neste momento, eu descobria sua cor e, logicamente, a que classe social pertenceriam. Podia estar na companhia de escravos ou de brancos porque ambos se haviam acomodado de maneira idêntica.⁴⁷

A representação “digna de um pintor”, elaborada por Koster e possibilitada pelo deslocamento espacial da viagem, repleto de dificuldades, põe no mesmo plano homens que a sociedade colonial justapunha num intrincado esquema vertical hierarquizante. Plano possível unicamente na representação pitoresca de Koster. Na versão dos eventos tecida pela pena britânica do narrador-aventureiro, a paisagem social, ao menos em um instante ínfimo, se horizontaliza nas agruras da viagem.

⁴⁵ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 144.

⁴⁶ MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)*, p. 50.

⁴⁷ KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 163.

George Gardner (1838 – 1839)

George Gardner, jovem naturalista escocês, percorreu um imenso trajeto no Brasil Setentrional no final da década de 1830. Aportou no Rio de Janeiro nos primeiros meses de 1836, percorreu a Serra dos Órgãos, atravessou a Bahia, navegou o Rio São Francisco, chegou ao litoral de Alagoas e de lá navegou para Recife. De Pernambuco foi até a Província do Ceará, onde fez parte do trajeto colonizador, sempre nas imediações do rio Jaguaribe até deparar-se com a Serra do Araripe e os “jardins” do Crato. Do Crato atravessou a Província do Piauí até as imediações do Maranhão, de onde foi convencido a abandonar suas ambições de percorrê-la em busca de novas espécies em decorrência da Balaiada. Então, continuou sua travessia dirigindo-se ao Sul até as imediações dos Distritos Diamantinos e Ouro Preto, percorreu os sertões das regiões das Minas e enfim chegou ao Rio de Janeiro.

Sua narrativa, escrita no Ceilão em 1846, quando era superintendente do Jardim Botânico Real de Candy, reconstituiu com suas notas de viagens o trajeto percorrido quase uma década antes. Através do relato, o naturalista buscou encontrar respostas sobre inquietações que o atravessavam. Primeiro, sobre “uma imensa porção do Império brasileiro ainda não percorrido por outros viajantes”, inquietações mapeadoras, intentando tracejar linhas nos espaços em branco da cartografia europeia.

Não reduzido ao olhar cartográfico, mapeador, George Gardner buscava também traçar um “confiável quadro das produções naturais da porção observada”⁴⁸, olhar desconfiado do grande número de narrativas sobre o Império brasileiro, onde as figurações dos narradores dessas viagens chegavam a um ponto de ficcionalização praticamente inadmissível para as instituições científicas que se formavam naquele período, agruras do gênero híbrido que era a narrativa de viagem oitocentista. E ainda como um último objetivo, buscava tecer algumas considerações sobre os hábitos, costumes e o caráter da população, indígenas ou não. Olhar do outro, traçando diferenças e hierarquizações.

Quando Gardner chegou ao porto de Aracati, em 1838, uma série de transformações já se fazia evidenciar na Província do Ceará em relação aos olhares anteriores da década de 1810. No entanto, mesmo que objetivamente o mundo em seu entorno tenha sido

⁴⁸ GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil: principalmente nas Províncias do Norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 17.

modificado, o olhar que perscrutou e descreveu também difere substancialmente dos olhares do também britânico Henry Koster e do também naturalista Silva Feijó, evidenciando tanto a historicidade dos diferentes olhares, como os direcionamentos e a perspectiva de cada viajante.

Mas a antiga inquietação de Gaston Bachelard persiste: “é preciso imaginar muito para viver espaços novos”⁴⁹. E assim a sua descrição e seu olhar possuem dadas referências que atravessam o oceano consigo, paisagens do olhar. É dessa forma que depois de percorrer as planícies áridas naquele momento do Jaguaribe e explorar a Chapada do Araripe⁵⁰, com sua inclinação de aproximadamente mil metros, do alto do “taboleiro” enfatizou:

Gastamos quase seis horas em transpor o *taboleiro*, que era perfeitamente plano em todas as direções e tenuemente malhado de pequenas árvores que lhe davam a aparência de um pomar inglês; o solo estava coberto de capim comprido, então secco e parecendo feno.⁵¹ (grifado na própria fonte)

O olhar do britânico, portanto, possuiu um lugar e uma perspectiva. Olhar armado, perscrutador e mapeador, em busca de novas espécies para a ciência e para a taxonomia lineana que não pretendeu perder um só instante na observação e descrição, quando afirmou que no decurso de suas extensas peregrinações, manteve “sempre a regra de nunca viajar de noite, excepto através de uma região decididamente deserta, a fim de nada perder que fosse de interesse.”⁵² No entanto, ao mesmo tempo que declamou seus interesses científicos explicitou a sua apreensão romântica do mundo, em sua escrita emergem elementos de grande interesse às instituições científicas financiadoras e também, de forma marcante, elementos que concernem à sua formação pessoal, a *Bildung* germânica:

O sol descia com grande esplendor, por traz da serra do Araripe, um longo renque de collinas cerca de uma légua ao poente da villa; mas a frescura do ar parecia privá-lo do intenso calor que, antes do por do sol, tanto opprime o viajante nas regiões mais baixas. A beleza da tarde, a frescura vivificante da atmospheria e a opulencia da paizagem, tudo tendia a produzir uma alacridade de espirito que só o amante da natureza pode experimentar e que, em vão, desejei fosse duradoura, porquanto me sentia bem, não só commigo mesmo, como em paz com todos sobre a terra.⁵³

⁴⁹ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*, p. 245.

⁵⁰ A Chapada do Araripe é situada no extremo sul do Ceará. É um extenso planalto com 160 km de comprimento alcançando a elevação por volta de 900 metros de altitude. A Chapada se estende pela região mais ocidental de Pernambuco com uma leve declinação de aproximadamente 3° ao Norte. Dessa forma, suas fontes e regatos incidem para o Ceará, compondo a fértil região do Cariri. Ver BORZACHIELLO, José; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (orgs.). *Ceará: um novo olhar geográfico*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 348.

⁵¹ GARDNER, George. In: Um Botânico Inglês no Ceará. Introdução e Notas de Alfredo de Carvalho. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza. ANNO 26, 1912, p. 181.

⁵² _____. In: Um Botânico Inglês no Ceará, p. 153.

⁵³ _____. In: Um Botânico Inglês no Ceará, p. 169

No entanto, rememoramos que essas paisagens não são “naturais”, há um aprendizado da paisagem, um processo de apreensão do mundo natural que o compreende de forma emoldurada, destacando determinados elementos em detrimento de outros. Aquilo que se descortinou no olhar do britânico possui sua historicidade, uma trajetória para que possa ser então digno de nota e representação:

Sendo alguns dos outeiros os mais elevados que já passáramos; de uma destas eminências descortinei o formoso panorama da região circumvizinha, ondulado e de escassa vegetação; aqui e allí viam-se bignonias amarellas ou roseas, ou jacarandás floridos de azul, erguendo os seus magníficos diademas acima dos outros habitantes da floresta; occasionalmente uma *Cochlospermum serratifolium*, carregada de grandes e bellas flores amarellas prendia a atenção do viajante.⁵⁴

Parece ser justamente essa mudança de aspecto do “mundo natural”, quando Gardner percorreu a Chapada do Araripe, que o fez “descortinar” as paisagens, quando as plantas decíduas da caatinga dão lugar ao ambiente sempre verde e alegre daquilo que tinha aprendido a enxergar como paisagem. A sua maneira de observar o mundo natural, de forma predominante através das lentes da História Natural e da taxonomia lineana deixou transparecer, entretanto, aspectos palimpsésticos⁵⁵. Isso se faz perceptível, principalmente, quando abriu espaço em sua narrativa ao conhecimento das populações das Capitânicas do Norte, e dessa maneira, descreveu os “jacarandás” em meio as várias *Cochlospermum serratifolium* e *Bignonias*. Abriu espaço ainda para vislumbrar o território como um palimpsesto, com as inscrições e as marcas deixadas por homens de uma outra temporalidade. Assim como ferretes, que utilizados no gado da pecuária extensiva na Capitania, acabam por deixar suas próprias marcas nos modos e nas faces humanas encontradas pelos viajantes no interior da Capitania⁵⁶.

⁵⁴ GARDNER, George. In: Um Botânico Inglês no Ceará, p. 165.

⁵⁵ Aqui, “palimpsesto” aparece como uma apropriação a partir das ideias de André Corboz. O autor percebe e discute as dinâmicas dos processos sociais na constituição do território. CORBOZ, André. El territorio como palimpsesto. In: RAMOS, Angel Martins (org.) *Lo Urbano en 20 autores contemporáneos*. Barcelona: Edicions UPC, 2004. E ainda, a partir de Sandra Pesavento que pensa a constituição social da cidade ou do território eivada de marcas de historicidade e de temporalidades distintas e sobrepostas. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Revista Esboços*, v. 11, n. 11, Florianópolis, 2004.

⁵⁶ Na Capitania do Ceará, em fins do Século XVII e primeiras décadas do XVIII, o impulso colonizador ancorado na atividade pecuária possibilitou o violento encontro entre colonos e indígenas. Tal encontro, por sua vez, acarretou em uma verdadeira guerra de extermínio ao chamado “gentio tapuia”. Poderíamos entender esse processo assim como o compreende Capistrano de Abreu, referindo-se a outros encontros colonos - indígenas, também como um impulso despovoador. ABREU, J. Capistrano de. Sobre uma História do Ceará. In: *Revista do Instituto do Ceará*. TOMO XIII, ANNO 1899. ABREU, J. Capistrano de. *Capítulos de História Colonial*, Rio de Janeiro: Briguiet, 1954.

Paisagens humanas e sociais que se fazem denotar através das lentes dos viajantes observadores. A configuração do interior da Capitania também aparece de forma palimpséstica com as marcas profundas deixadas pela historicidade da vida de outros homens, de outros horizontes de expectativas, de batalhas, e enfim, de outras possibilidades que ficaram pelo caminho. Assim, quando Gardner adentrou a Capitania e descreveu em linhas gerais o tipo social encontrado nos sertões do território explorado, remontamos à historicidade dessa configuração social pautada na violência, na guerra de extermínio na qual o solo da Capitania havia sido palco e que fez emergir o estranhamento do viajante:

Ao europeu, habituado a viajar sem armas e com relativa segurança, o aspecto feroz dos viajantes que encontra, todos armados de longas pistolas, espada, punhal e bacamarte, não dá ideia favorável da moral do povo. Assassinatos e roubos são frequentes entre eles, raramente ocorrendo um sem o outro e sempre à traição.⁵⁷

Da mesma forma que emerge em seu olhar o que aprendeu a emoldurar como paisagem, George Gardner foi acometido pelo estranhamento do mundo social que o circundava. Deparou-se então com um ambiente notadamente marcado pela violência e em sua leitura da sociedade a apreensão de um sentimento de insegurança cotidiana se fez uma constante. Distinto do aprendizado da paisagem, daquilo que separa elementos do mundo natural e o emoldura, o processo de apreensão e leitura do mundo social se sobressaiu através das mais distintas relações estabelecidas entre viajantes e as populações do Brasil Setentrional. Mesmo que essas leituras sejam fortemente marcadas pelas categorias, pelos parâmetros, enfim, pelos modos de observar e classificar que os viajantes traziam consigo.

Tal apreensão e estranhamento do mundo social, marcado pela violência cotidiana, emergiu também nos outros olhares e narrativas acerca da Capitania. Henry Koster, por exemplo, atentou que o mais potente canhão da vila de Fortaleza estava voltado para o interior. Deixou registrada a inferência sobre o passado recente, marcado não pelas ameaças externas, mas pelo processo de colonização violento, com o avanço da pecuária e o despovoamento dos grupos indígenas do interior da Capitania, os “gentios levantados” entendidos como a grande ameaça que poderia fazer ruir o processo de colonização⁵⁸. Por outro lado, Silva Feijó, em sua leitura mais pragmática do mundo natural e social, reclamou

⁵⁷ GARDNER, George. In: Um Botânico Inglês no Ceará, p. 153.

⁵⁸ “A fortaleza, de onde esta vila recebe a denominação, fica sobre uma colina de areia, próxima às moradas, e consiste num baluarte de areia ou terra, do lado do mar; e uma paliçada, enterrada do solo, para o lado da vila. Contém quatro peças de canhão, de vários calibres, apontadas para muitas direções. Notei que a peça de maior força estava voltada para a vila...” In: KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*, p. 172.

longamente do “atraso” da Capitania provocada pela liberalidade e pela licenciosidade dos modos e dos costumes da população, marcada, em sua ótica, por vícios, pela ignorância e pela “falta de virtudes moraes”, constituindo indivíduos marcados e “estranhados contra todos os direitos da natureza e sociedade”⁵⁹.

Assim, no entrelaçamento dos olhares, das perspectivas e das expectativas das diferentes retinas que observaram o mundo natural e as populações da Capitania/Província, para além do aprendizado da paisagem e de sua conformação com um mundo natural idealizado, da historicidade e as paisagens do olhar de cada viajante, percebe-se também a superposição das “camadas de experiência e de vidas” que deixaram suas marcas, inscritas na configuração da sociedade e mesmo nos diferentes rostos observados e descritos, e que emergem na narrativa atribulada e na triangulação do olhar do narrador viajante que estranhou e descreveu.

Recebido em: 10/06/2013

Aprovado em: 20/01/2014

⁵⁹ FEIJÓ, João da Silva. *Memória Sobre a Capitania do Ceará*, p. 22.